



# A CIÊNCIA É A ALMA DO NEGÓCIO: APROPRIAÇÕES DO DISCURSO CIENTÍFICO EM PROPAGANDAS DE MEDICAMENTOS CONTRA A SÍFILIS (PARAÍBA. 1932-1942)

LEONARDO QUERINO BARBOZA FREIRE DOS  
 SANTOS\*   
 INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA  
 PICUI – PARAÍBA – BRASIL

RAFAEL NÓBREGA ARAÚJO\*\*   
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
 RECIFE – PERNAMBUCO – BRASIL

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos a apropriação de imagens e discursos associados à representação social da ciência como estratégia mercadológica nos anúncios de medicamentos contra a sífilis. O nosso foco de discussão são as publicidades veiculadas pela revista *Medicina*, periódico oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba que circulou entre os anos de 1932 e 1942. Surgida como desdobramento do processo de institucionalização da medicina científica no estado a partir dos anos 1920, *Medicina* foi responsável por constituir uma rede de circulação da ciência que conectava os médicos e leitores paraibanos à produção nacional e internacional. Para discutir estas e outras questões, analisamos as publicidades de medicamentos contra a sífilis as edições da revista *Medicina* com base nos estudos de Ludwik Fleck e Sérgio Carrara acerca da estruturação do conceito da sífilis e a sua relação com o desenvolvimento do saber médico-científico.

**Palavras-chave:** História da Medicina; Publicidade; Sífilis.

## ABSTRACT

In this work, we analyze the appropriation of images and discourses associated with the social representation of science as a marketing strategy in the ads for syphilis drugs. Our focus of discussion is the advertisements published by the journal *Medicina*, official journal of the Society of Medicine and Surgery of Paraíba that circulated between the years 1932 and 1942. Emerged as an unfolding of the process of institutionalization of scientific medicine in the state from the 1920's on, *Medicina* was responsible for building a network of science circulation that connected doctors and readers of Paraíba to national and international production. To discuss these and other issues, we analyzed the advertising of drugs against syphilis in the Editions of the magazine *Medicina* based on studies by LudwinFleck and Sérgio Carrara on the structuring of syphilis concept and its relationship with the development of medical-scientific knowledge.

**Keywords:** History of Medicine; Advertising; Syphilis.

\*Doutor em História Social (USP) e Professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). E-mail: leonardo.barboza@ifpb.edu.br.

\*\*Mestre em História (UFCG) e Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rafael.nobreg.araujo@gmail.com.

## SITUANDO O PROBLEMA

Considerando a dimensão histórica das coisas, o processo de arregimentar esforços para sanar os flagelos que assaltam o corpo e conferir a cura para as intempéries e adversidades mórbidas do ser humano também possui uma historicidade. Contemporaneamente, a terapêutica da sífilis envolve o uso de antibióticos como a penicilina benzatina, fornecendo a cura em duas ou três semanas de tratamento acompanhadas por um profissional médico. Todavia, não foi sempre assim.

A lues<sup>1</sup> foi uma doença que preocupou sobremaneira a classe médica, vista como um vasto e momentoso capítulo da medicina social. Uma moléstia insidiosa, dissimulada em suas manifestações e nefasta em seus efeitos letais. Esta enfermidade foi metaforizada como o terrível flagelo da humanidade<sup>2</sup> pelo seu pretenso caráter hereditário e os estados de miséria física e moral que, segundo os médicos, oneravam a sociedade<sup>3</sup>. Para Sérgio Carrara, a presença e a disseminação da sífilis eram de tal envergadura, que se atribuía a essa doença uma espécie de “princípio etiológico geral” em que para toda e qualquer morbidade cuja origem fosse incerta ou tornada incerta, se conferia uma causalidade sífilítica<sup>4</sup>.

Segundo o filósofo da ciência Leônidas Hegenberg, até onde os registros históricos alcançam, eles atestam que a “arte de curar” não foi praticada sem que, de modo paralelo, deixasse de prescindir do desejo de fundamentação e legitimação. Debruçado sobre o indivíduo que o procura pedindo ajuda, o médico reflete acerca do que se passa com o enfermo, buscando compreender os procedimentos que deve adotar e as consequências de tal ou qual tratamento, reunindo elementos que demandam uma sistematização. A própria conceituação da doença é o traço de união entre o pensamento e a prática, uma vez que o conceito:

<sup>1</sup>Segundo Ricardo Batista: “Ao de sua história, a sífilis foi chamada de lues venérea. O termo lues é derivado do latim e significa praga ou epidemia. A doença era considerada uma praga sexual, pois, quando sua etiologia não era conhecida, os sintomas mais visíveis eram as manifestações nos órgãos genitais”. Ver: BATISTA, Ricardo dos Santos. Sífilis e relações de gênero na Bahia. In: FRANCO, Sebastião Pimentel. NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 7. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017, p. 115.

<sup>2</sup>MACIEL, José. Os heredo-syphilis – syphilis dos inocentes. *Era Nova*: Parahyba do Norte, ano 2, n. 28, 15 jun. 1922, s./p.

<sup>3</sup>MAROJA FILHO, Flávio. *Da sôro-dignose da Syphilis pela reação de Dujarric*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1927.

<sup>4</sup>CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus*: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996, p. 39-43.

[...] organiza as ideias recolhidas nas concretas investigações e estabelece alicerces em que assentar cada fase da atividade médica; a ele cabe tornar inteligíveis as transformações que ocorrem no paciente, fundamento, assim, eventuais indicações terapêuticas. O conceito de doença possibilita a ação médica<sup>5</sup>.

Assim, temos que para a orientação da ação médica, faz-se necessária a sistematização do conceito de doença que, ao mesmo tempo em que torna compreensíveis as mudanças e transformações ocorridas no paciente, pode servir de fundamento para eventuais indicações terapêuticas. Nesse sentido, a sífilis representa um caso exemplar. A estruturação do conceito da sífilis enquanto doença foi responsável por fixar-lhe a etiologia, a sintomatologia, a forma de contágio, o agente etiológico, os meios terapêuticos e profiláticos de enfrentá-la, bem como os quadros de sua evolução epidemiológica.

O médico e filósofo da ciência judeu-polonês Ludwik Fleck (1896 – 1961) demonstrou a partir do conceito de “pensamento coletivo” que o conhecimento científico é uma construção coletiva que condiciona, a partir de conteúdos pressupostos, o seu objeto. Para além dos fatores concernentes ao pensamento individual de um cientista, Fleck chamou a atenção para a permanência de fatores sociais e elementos históricos e culturais na conformação de feito científico<sup>6</sup>.

Em seu livro *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*, o autor tratou da evolução da “sifilidología”, isto é, da ideia da sífilis, a partir de uma análise histórica e sociológica, evidenciando o condicionamento dos fatos médicos a partir de fatores históricos e culturais. Tomando como base o estudo de caso desenvolvimento da sorologia, especialmente, da reação de Wassermann<sup>7</sup>, Fleck mostrou que a formulação desse teste para detecção de alterações sanguíneas provocadas pela *T. pallidum* era não somente resultado das contribuições de uma ampla comunidade científica, como também, sobretudo, do contexto histórico e da concepção da sífilis vista como uma “corrupção do sangue”<sup>8</sup>. Com efeito, daí em diante, a sífilis

<sup>5</sup> HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998, p. 17.

<sup>6</sup> SCHÄFER, Lothar. SCHNELLE, Thomas. Introducción. In: FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial, 1986, p. 24-32.

<sup>7</sup> Exame de sangue que foi utilizado para testar a sorologia da sífilis e que foi amplamente empregado até a década de 1940, considerado um meio eficaz para a detecção da doença (CARRARA, 1996, p. 39).

<sup>8</sup> FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial, 1986, p. 61.

passou por uma mudança na estruturação do seu conceito com consequências nas concepções em torno da sua terapêutica.

Assim, tomando por base a estruturação do conceito de sífilis conforme proposto por Ludwik Fleck, pretendemos analisar neste artigo a apropriação de imagens e discursos associados à representação social da ciência como estratégia mercadológica nos anúncios de medicamentos contra a sífilis. Tomaremos como foco de nossa discussão as publicidades de medicamentos veiculados pela revista *Medicina*, periódico oficial da SMCPB que circulou entre os anos de 1932 e 1959, publicando um total de 35 números. Nesse ínterim, a revista não publicou nenhuma edição no ano de 1940 e a partir de 1942 passou uma década fora de circulação, cujo último número dessa primeira fase foi publicado em dezembro de 1942, retornando somente em outubro de 1952. Por este motivo, nosso recorte cronológico enfocará a primeira década em que o periódico circulou, entre 1932 e 1942, perfazendo um total de 26 edições da revista *Medicina*, para buscar assim verificar com que regularidade suas páginas circularam anúncios<sup>9</sup> de medicamentos contra a sífilis.

A opção por esse recorte temporal se deve também ao fato de que a década de 1940 demarca uma nova fronteira na definição do conceito de sífilis. A descoberta da penicilina em 1928, sua fabricação em larga escala no início dos anos 40 e a descoberta de sua eficácia contra doenças infecciosas, inauguram o limiar da era dos antibióticos no combate às doenças provocadas por bactérias, modificando dessa maneira a terapêutica da sífilis. O advento da penicilina marcou não somente a cura definitiva para a doença, como também a rearticulação do próprio conceito da sífilis, fazendo com que perdesse a abrangência e os “poderes” que possuía até então<sup>10</sup>. Além disso, como a revista não circulou a partir de 1942, uma possível análise acerca da recepção da penicilina e circulação de discursos científicos por parte da classe médica paraibana ficaria prejudicada. Para conferir ao nosso leitor uma melhor compreensão

---

<sup>9</sup> Não obstante termos como “propaganda”, “anúncio” e “publicidade” serem empregados em sinonímia, existem distinções entre estas três categorias. Enquanto a *propaganda* se volta para a difusão de ideias, preceitos e programas, a *publicidade* está mais vinculada à informação, à enumeração e utilidades almejando a comercialização de produtos, por seu turno o anúncio se configura como uma mensagem por meio de palavras, imagens, músicas ou outros recursos audiovisuais que tem como finalidade enunciar as qualidades e benefícios de determinado produto ou serviço. Cf. MATOS, Maria Izilda dos Santos. *Por uma possível história do sorriso: institucionalização, ações e representações*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

<sup>10</sup> A esse respeito ver Carrara (1996). No capítulo 1, em particular, no tópico “Poderes da sífilis, poderes dos sífilógrafos”, o autor desenvolve o argumento de que na medida em que o conceito de sífilis era delimitado, os “poderes” atribuídos à doença também e, conseqüentemente, o poder de intervenção do médico especialista.

da periodicidade da revista *Medicina*, elaboramos o quadro abaixo contendo as publicações da revista entre 1932 e 1942.

Quadro 1. Edições da revista Medicina (1932-1942)

	<b>Edição</b>	<b>Mês</b>	<b>Ano</b>	<b>Páginas</b>	<b>Qtd. anunciada<sup>11</sup></b>
1.	Ano I, nº 1	Junho	1932	32	04
2.	Ano I, nº 2	Agosto	1932	24	04
3.	Ano I, nº 3	Outubro	1932	24	04
4.	Ano I, nº 4	Janeiro	1933	38	04
5.	Ano I, nº 5	Abril	1933	29	05
6.	Ano II, nº 6	Setembro	1933	22	08
7.	Ano III, nº 1	Janeiro	1934	24	10
8.	Ano III, nº 2	Março	1934	23	11
9.	Ano III, nº 3	Maio	1934	21	07
10.	Ano III, nº 4	Junho	1934	30	10
11.	Ano III, nº 5	Setembro	1934	30	06
12.	Ano III, nº 6	Novembro	1934	33	03
13.	Ano IV, nº 1	Junho	1935	22	13
14.	Ano IV, nº 2	Outubro	1935	19	12
15.	Ano V, nº 1	Janeiro	1936	45	14
16.	Ano V, nº 2-3	Fevereiro-março	1936	110	14
17.	Ano VI, nº 1	Julho	1937	52	10
18.	Ano VII, nº 1	Setembro	1938	45	08
19.	Ano VII, nº 2	Novembro	1938	73	08
20.	Ano VIII, nº 1	Janeiro	1939	162	14
21.	Ano VIII, nº 2-3	Maio	1939	98	11
22.	Ano X, nº 1	Março	1941	49	06
23.	Ano X, nº 2	Junho	1941	62	06
24.	Ano XI, nº 3-4	Março-junho	1942	68	06
25.	Ano XI, nº 5	Setembro	1942	48	06
26.	Ano XI, nº 6-7	Dezembro	1942	51	02

Fonte: Quadro elaborado pelos autores

<sup>11</sup> Trata-se do quantitativo de páginas ocupadas por anúncios publicitários, seja de medicamentos, laboratórios ou de serviços prestados por médicos, mas a predominância sempre foi de anúncios de medicamentos, especialmente a partir de 1936, quando as edições vão contar, quando muito, com apenas um anúncio de serviços de médicos.

Dentro desse recorte, apenas cinco edições foram publicadas entre 1941 e 1942, as outras 21 foram editadas entre 1932 e 1939, contudo, sem apresentar a mesma regularidade. Surgido como desdobramento do processo de institucionalização da medicina científica no estado a partir dos anos 1920, este periódico foi responsável por constituir uma rede de circulação da ciência que conectava os médicos e eventuais leitores paraibanos à produção nacional e internacional. Ao todo, foram publicadas 1.234 páginas da revista e, em média, as edições da revista continham aproximadamente 47,4 páginas a cada número. Alguns números com mais páginas, como a edição de nº 1 de janeiro de 1939, tratava-se de publicações especiais. Nesse caso, em específico, a revista *Medicina* publicou os trabalhos originais apresentados na Semana da Tuberculose, ocorrida em João Pessoa em 1937. Quanto aos anúncios publicitários, esses totalizaram um total de 206 e páginas ocupadas no periódico, o que representa em média a ocorrência de anúncios 7,9 vezes por cada número da revista. Até 1937, os anúncios eram publicados em preto e branco, seguindo uma estrutura simples: nome do medicamento, seguido de uma apresentação geral de sua fórmula, a enfermidade indicada para o tratamento e logo abaixo o laboratório ou distribuidor responsável. A partir de junho de 1937, a revista passou a ter anúncios coloridos em suas páginas.

A nossa opção pela sífilis como objeto de análise dentre os anúncios de medicamentos publicados pela revista *Medicina*, se dá em decorrência de uma grande presença de reclames contendo fármacos empregados na terapêutica antissifilítica. No período focado neste artigo no qual a revista que esteve em circulação, de 1932 a 1942, encontramos 62 anúncios de medicamentos para as mais diversas finalidades terapêuticas, dos quais 12 foram identificados com a finalidade de tratar a sífilis, doença vista como um dos principais flagelos sociais da época. Algo que representa aproximadamente 20% do total de medicamentos anunciados em quase uma década de atividade da revista.

Nosso texto encontra-se dividido em dois momentos: no primeiro, discutimos a institucionalização da medicina científica no estado da Paraíba nas primeiras décadas do século XX, especialmente na década de 1920, de modo a evidenciar como a revista *Medicina* surge na década de 1930 em consecução de um processo de busca por legitimação por parte da classe médica paraibana em sua apropriação do discurso científico. Em seguida, discutimos a

estruturação do conceito de sífilis a partir da elaboração de Fleck<sup>12</sup> para compreender as transformações históricas que culminaram na compreensão da doença dentro do recorte temporal analisado. Subsidiariamente recorreremos às contribuições de Carrara<sup>13</sup> e outros autores no que tange as concepções terapêuticas e seus efeitos no tratamento da enfermidade. A partir dessa discussão, analisamos concomitantemente a apropriação do discurso médico científico presente em algumas publicidades dos medicamentos anunciados no combate à sífilis nas páginas da revista *Medicina*.

## MEDICINA E CIÊNCIA NA PARAÍBA

Na história da saúde pública paraibana, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por três processos interdependentes. Em primeiro lugar, consolidou-se a ideia da saúde como uma questão social<sup>14</sup>, um problema político que demandava a intervenção do Estado<sup>15</sup>. Em segundo lugar, e muito em função deste primeiro aspecto, houve a criação ou ampliação dos serviços de higiene e saúde pública<sup>16</sup> que, embora ainda bastante precarizados e concentrados geograficamente na capital, buscavam edificar uma Paraíba “moderna” e “civilizada”<sup>17</sup>. Em terceiro lugar, sobretudo a partir dos anos 1920, observa-se a consolidação de uma medicina institucionalizada, cujas práticas e discursos buscavam a todo custo se aproximar do fazer científico<sup>18</sup>.

<sup>12</sup> FLECK, 1986.

<sup>13</sup> CARRARA, 1996.

<sup>14</sup> Tal percepção já vinha sendo socialmente construída desde meados do século XIX. Cf. MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849 – 1886)*. João Pessoa: Tese (Doutorado) – UFPB/CE, 2015, p. 80– 103.

<sup>15</sup> Cf. SANTOS, Leonardo Querino Barboza Freire dos. *Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social (1911 – 1929)*. Campina Grande, PB: Dissertação (Mestrado) – UFCG/CH, 2015, p. 71 – 85.

<sup>16</sup> Antes disso, no século XIX, a atuação governamental no âmbito da saúde pública paraibana concentrava-se em ações pontuais de limpeza urbana, polícia sanitária e contenção de epidemias, destacando-se o Hospital da Santa Casa de Misericórdia, na capital, como a principal instituição hospitalar do estado. Em tal cenário, marcado pela escassez de recursos médicos oficiais, considerável número de pessoas buscava refúgio nas práticas da “medicina popular”. A respeito destes processos, Cf. ARAÚJO, Silvera Vieira de. *Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)*. Recife: Tese (Doutorado) – UFPE/CFCH, 2016, p. 28 – 29; e MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; MARIANO, Nayana. O medo anunciado: a febre amarela e o cólera na Província da Paraíba (1850-1860). *Revista Fênix*, João Pessoa, v. 9, n. 3, p. 07, 2012.

<sup>17</sup> SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924)*. João Pessoa: Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA, 2011, p. 44 – 52.

<sup>18</sup> O início desse processo se dá certamente a partir da segunda metade do século XIX, quando surgem os primeiros órgãos de saúde pública no estado. Contudo, ele é aprofundado nas primeiras décadas do século XX, em decorrência de novas condições de possibilidade: mudanças na formação médica, ampliação da rede de saúde, crescimento do número de médicos diplomados atuando em território paraibano. A respeito desse processo, Cf. SANTOS, 2015, p. 65 – 69; e AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Recife: Dissertação (Mestrado) – UFPE/CFCH, 2008, p. 148 – 151.

É importante sublinhar a conexão destes três processos. Ora, em busca de legitimidade para sua ciência, ainda preterida em face de outras artes de curar, os médicos serão os grandes defensores da intervenção estatal sobre a higiene pública. Nesse sentido, cabe recuperar um trecho escrito pelo doutor Flávio Maroja (1864 – 1940), sanitarista dos mais influentes no estado, acerca das condições de higiene na capital paraibana:

Quem conhece certas práticas usuais de grande parte da nossa população, inconsciente talvez dos perigos a que se expõe conservando por longas horas no interior das casas matérias fermentescíveis como o lixo, e tendo no fundo dos quintais uma cousa asquerosa e nauseabunda, – contra as regras da mais rudimentar higiene, a que dão o nome de *latrina*; quem sabe que mesmo nas ruas principais desta cidade há casas que nem essa cousa repugnante possuem, fazendo-os o despejo de matérias fecais ou no canto dos muros, ou, como acontecia até há pouco tempo, nos espessos matagais que ainda *embelezam* os fundos, apesar de murados, de quase toda a extensão da rua *General Ozorio*, número ímpar; quem meditar bem nas consequências desastrosas de todo esse desleixo, convirá que uma das preocupações do atual governo da Parahyba deve ser mesmo a organização do serviço sanitário de acordo com os progressos da higiene moderna<sup>19</sup>.

Seguindo nosso argumento, serão os médicos diplomados que ocuparão os postos mais importantes desta rede de serviços sanitários organizados “de acordo com os progressos da higiene moderna”. O próprio Flávio Maroja foi diretor do Hospital da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital Oswaldo Cruz, ambos na capital, além de ter chefiado o Serviço de Saúde dos Portos da Paraíba. Integrados na estrutura do Estado, os médicos paraibanos encontrariam condições favoráveis para coibir seus concorrentes e construir sua hegemonia no mercado da saúde. Esta percepção foi explicitada pelo doutor Tito de Mendonça (1901 – 1935), renomado cirurgião da capital paraibana, em seu discurso de posse como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba (SMCPB):

<sup>19</sup> MAROJA, Flávio. A nossa hygiene. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, João Pessoa, n. 03, 1911, p. 435, grifos no original.



Sei que o problema é difícil de resolver, não só devido ao charlatanismo que aqui impera, como também ao meio que ainda não bem compreende o que é o médico. Todos nós sabemos que o doente só nos chega às mãos depois de ter percorrido a escola dos charlatães<sup>20</sup>, desde o ignorante que convence da excelência dos chás caseiros, da enxundia de galinha, do sebo de carneiro e das benzeduras contra o mau olhar, até o instruído que tudo receita. [...]. São estes os motivos porque a nossa melhor instituição de caridade, a Santa Casa, é tão má vista pelo povo da Paraíba. O doente quando lá entra se nos apresenta em um estado quase irremediável. Urge, portanto, educar o nosso povo, mostrando-lhe o bom caminho a seguir e reprimir legalmente o charlatanismo<sup>21</sup>.

O fato é que o campo médico passava por mudanças na Paraíba. Sobretudo a partir dos anos 1920, as práticas e discursos destes profissionais buscam aproximar-se da ideia de “ciência”, enquanto renegam seu passado como “arte de curar”. Ora, esta postura mais agressiva em relação a outras terapêuticas não deixava de ser um sintoma das transformações em curso. A este respeito, a literatura especializada evidenciou o vínculo entre a institucionalização da medicina científica e o crescimento da intolerância médica contra outras terapêuticas. No Rio de Janeiro, que desde as primeiras décadas do século XIX já contava com instituições de ensino médico e sociedades de medicina, os primeiros lances deste processo podem ser observados ainda no final dos anos 1820, intensificando-se ao longo da segunda metade do Oitocentos<sup>22</sup>.

Já na Paraíba, a emergência desta medicina científica, mais íntima do Estado e menos indulgente com outras terapêuticas, ocorre um pouco depois, notadamente a partir dos anos 1920. Nessa época, começam a voltar para sua terra natal os filhos das elites agrárias<sup>23</sup> que

<sup>20</sup> Naquele contexto histórico, qualquer prática de cura alternativa ao modelo da medicina científica era pejorativamente apresentada pelo discurso médico como “charlatanismo”. Tal postura dialogava com o processo de legitimação da ciência médica então em curso na Paraíba, que demandava a definição precisa de práticas institucionalizadas e o controle sobre o mercado dos serviços de saúde. Cf. SANTOS, 2015, p. 136.

<sup>21</sup> *O Jornal*, “Sociedade de Medicina e Cirurgia – A sua sessão de 5 do mês p. passado – A posse do dr. Tito de Mendonça, seu discurso de agradecimento e o de recepção do nosso ilustre colaborador dr. José Maciel”. 06 de nov. 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169870&pasta=ano%201924&pesq=Sociedade%20de%20Medicina%20e%20Cirurgia&pagfis=1664>. Acesso em 30/12/2020.

<sup>22</sup> PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.11, suppl.1, 2004, p. 68. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000400004&script=sci\\_abstract&tng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000400004&script=sci_abstract&tng=pt). Acesso em 30/12/2020.

<sup>23</sup> Durante a Primeira República, as principais atividades econômicas da Paraíba giravam em torno da produção, beneficiamento e comercialização do algodão e do açúcar, sendo esta a origem social dos grupos que então controlavam o poder político no estado. Cf. GURJÃO, Eliete de Queiroz. *Morte e vida das Oligarquias*. Paraíba (1889 – 1945). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

havam se formado médicos na Bahia e no Rio Janeiro. Estes novos doutores haviam concluído sua formação acadêmica quando “O movimento de especialização do conhecimento e de tecnificação das atividades do mundo do trabalho [...] começaram progressivamente a invadir a prática médica”<sup>24</sup>. Ingressando nas faculdades de medicina por volta dos anos 1910, eles vivenciaram um “momento em que a medicina científica já havia se consolidado institucionalmente na Capital Federal e, através da publicação de revistas como *Brazil Medico* e da promoção de eventos para discussão da prática médica, promovia a produção científica no Brasil”<sup>25</sup>. Nesse contexto, o perfil médico generalista, predominante até então, começa a perder espaço para o perfil especialista, menos calcado na “experiência” e no “olhar diagnóstico” do doutor, e mais voltado para a incorporação da técnica e da ciência na prática médica<sup>26</sup>.

Dialogando desde sua formação acadêmica com outras concepções de medicina, “que resultaram da institucionalização desse conhecimento no Brasil e sua vinculação ainda maior com o discurso científico”<sup>27</sup>, estes novos doutores percebiam e performavam sua prática profissional como uma autêntica ciência. A este respeito, vejamos um trecho do discurso proferido pelo doutor José Maciel (1876 – 1952) durante a já citada cerimônia de posse de seu colega Tito de Mendonça na SMCPB. Mesmo pertencendo a uma geração diplomada em período anterior – concluiu seu curso na Faculdade da Bahia em 1903<sup>28</sup> – Maciel parecia não ter dúvidas de que aquilo que ele e seus colegas faziam era de fato ciência:

*Nós médicos, devemos levantar nesta terra, pregando neste recinto as boas ideias, os verdadeiros alicerces do grande edifício da ciência que professamos. É por meio da nossa sociedade, falando, escrevendo e propalando que conseguiremos firmar o nosso valor como médicos, qualquer que seja a especialidade a que nos tenhamos dedicado. Finalizando, eu saúdo a nossa corporação científica*<sup>29</sup>.

<sup>24</sup> PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 22.

<sup>25</sup> AGRA, 2008, p. 148.

<sup>26</sup> Sobre os diferentes perfis profissionais que conviviam no campo médico brasileiro durante as primeiras décadas do século XX, Cf. PEREIRA NETO, 2001, p. 43 – 52.

<sup>27</sup> AGRA, 2008, p. 148.

<sup>28</sup> NÓBREGA, Humberto. *As raízes da ciência da saúde na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem*. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 1979, p. 283.

<sup>29</sup> *O Jornal*, “Sociedade de Medicina e Cirurgia – A sua sessão de 5 do mês p. passado – A posse do dr. Tito de Mendonça, seu discurso de agradecimento e o de recepção do nosso ilustre colaborador dr. José Maciel”. 06 de nov. 1924. Grifos nossos. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169870&pasta=ano%20192&pesq=Sociedade%20de%20Medicina%20e%20Cirurgia&pagfis=1664>. Acesso em 30/12/2020.

Mas além das falas dos próprios médicos, outros acontecimentos podem ser evocados como indícios de que nos anos 1920 a medicina científica começava a se institucionalizar na Paraíba. O primeiro deles é a própria criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba (SMCPB). Fundada em maio de 1924, esta entidade aglutinaria a elite médica do estado e fomentaria a produção científica por meio de reuniões periódicas, conferências, congressos e publicações<sup>30</sup>. Em maio de 1927, por exemplo, a SMCPB promoveu o seu primeiro evento científico. A Semana Médica, como foi chamada, reuniu diversos doutores paraibanos<sup>31</sup> em palestras, apresentações de pesquisas científicas e relatos de casos clínicos. Mesmo não possuindo um perfil especializado<sup>32</sup>, indício de que a medicina científica ainda dava seus primeiros passos no estado, este tipo de evento impulsionaria a produção, a comunicação e a institucionalização do saber médico-científico<sup>33</sup> em terras paraibanas.

Outro indício deste processo foi o surgimento, em 1932, da revista *Medicina*, periódico oficial da SMCPB, criada como um espaço de produção e comunicação do conhecimento científico produzido pela entidade<sup>34</sup>. Secundariamente, seus idealizadores buscavam manter a coesão e o engajamento institucional da comunidade médica, evitando que o clima de beligerância política e incertezas econômicas dos primeiros anos do governo Vargas provocasse “fissuras” no “edifício” científico da medicina local. Esses ideais estão implícitos no editorial da primeira edição da revista, escrito por Flávio Maroja, liderança histórica da SMCPB e tratado como o “decano da medicina paraibana” por seus colegas:

De há muito vem sendo objeto de nossas cogitações a publicação do primeiro número da Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba. Satisfeitos não nos sentíamos apenas com o que até agora tem ela produzido [...]. A necessidade de sua fundação era uma ideia que empolgava ao corpo médico da

<sup>30</sup>Cf. SANTOS, 2015, p. 139 –161.

<sup>31</sup>Foram estes os médicos paraibanos que apresentaram trabalhos na Semana Médica de 1927: Alfredo Monteiro, José Maciel, José Teixeira de Vasconcelos, Lourival Moura, Jôsa Magalhães, Octavio Soares, Flávio Maroja, Oscar de Castro, Seixas Maia, Renato de Azevedo, Tito de Mendonça e Edrize Villar. Cf. SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DA PARAÍBA (SMCPB). *Semana Médica*. Parahyba do Norte: Imprensa Oficial, 1927.

<sup>32</sup>Os temas debatidos no evento foram os mais diversos: etiologia e profilaxia das principais endemias do estado, notadamente a tuberculose, a febre amarela, a varíola e a lepra; higiene pública e educação sanitária; tratamentos psiquiátricos; novos medicamentos; procedimentos cirúrgicos; e relatos de casos clínicos. Cf. SANTOS, 2015, p. 187 – 188.

<sup>33</sup> FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, nov. 1997 – fev. 1998, p. 486. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000300004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000300004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 31/12/2020.

<sup>34</sup> Antes da criação da revista *Medicina*, algumas produções da SMCPB eram veiculadas pelo jornal governamental *A União*, possibilitando ao restrito público leitor da Paraíba a apropriação de certos enunciados do saber médico-científico. Cf. Santos, 2015, p. 142 – 147.

terra e, conseguida esta, chegou a Sociedade a reunir, nos primeiros tempos, a quase totalidade dos que professam a divina ciência de Hipócrates. Não tardou, porém, [...] que alguns dos seus membros fossem perdendo o entusiasmo ou interesse pela Sociedade, e do seu seio se afastassem [...]. O desânimo e a descrença, quiçá motivados pela falta de boa compreensão das coisas, criam situações desagradáveis, que não chegam, felizmente, a perturbar a existência das associações, que logo encontram mãos benfazejas para ampará-las e espíritos fortes para injetar-lhes novos elementos de vida<sup>35</sup>.

A criação da revista *Medicina* se dá, portanto, numa conjuntura de institucionalização do campo médico na Paraíba<sup>36</sup>. Junto com a emergência do associativismo e do periodismo científicos, crescem nesse contexto a especialização profissional e a incorporação de recursos laboratoriais na prática médica<sup>37</sup>. Tais processos interdependentes informam outro trecho do editorial assinado por Flávio Maroja:

E é baseado nesse “idealismo” que vamos caminhando a nossa jornada, passos firmes, confiantes no futuro e na grandeza incomparável da Ciência de que nos fizemos apóstolos. A nossa missão está apenas iniciada. Os grandes problemas Médico-Sociais que ainda exigem estudos e provas de laboratórios, para bem serem elucidados, merecerão, certamente, as nossas atenções, quando tivermos oportunidade de aplicá-los em benefício dos que deles precisarem<sup>38</sup>.

A revista *Medicina* circulou entre 1932 e 1959. Para a confecção deste artigo, analisamos 35 edições da revista *Medicina*, publicados entre os anos de 1932 e 1959, das quais no concentramos, pelos motivos já expostos anteriormente, nas 26 edições que circularam entre

<sup>35</sup> MARÓJA, Flavio. A nossa Revista. *Revista Medicina*, João Pessoa-PB, n. 1, jun. 1932, p. 1.

<sup>36</sup> Além do aprofundamento desse processo de institucionalização da medicina científica na Paraíba, os anos 1930 foram marcados por uma dinâmica de reordenamento político e econômico no estado. A este respeito, Eliete Gurjão lembra que na década de 1930 a Paraíba perdeu a liderança nacional na produção algodoeira, sobretudo devido à concorrência paulista. Apesar disso, o estado mantinha a liderança regional nas exportações do produto, assegurando “a predominância da oligarquia algodoeira no bloco dirigente do Estado” (p. 121). O segundo produto da economia paraibana, o açúcar, estava em situação ainda pior, mal conseguindo atender a demanda local. Nesse contexto, sem condições de fazer prevalecer seus interesses em âmbito nacional, as elites econômicas do estado acabaram conciliando com os projetos políticos do governo Vargas, com o objetivo de preservar seus privilégios e suas bases de dominação social (p. 142). A respeito desse processo, Cf. GURJÃO, 1994, p. 119 – 142.

<sup>37</sup> Cf. SANTOS, 2015, p. 90 – 92.

<sup>38</sup> MARÓJA, Flavio. A nossa Revista. *Revista Medicina*, João Pessoa-PB, ano I, n. 1, jun. 1932, p. 1 – 2.

1932 e 1942, antes da abrupta interrupção desse periódico e seu posterior retorno em 1952. Estes exemplares foram pesquisados no Arquivo da Biblioteca Átila Almeida da UEPB, localizado em Campina Grande-PB, e no Arquivo Privado Maurílio de Almeida, em João Pessoa. Ela era editada e produzida pela “Imprensa Oficial”, órgão do governo do estado responsável pela publicação de toda a documentação da administração pública estadual<sup>39</sup>. Esta situação evidencia dois elementos que marcaram a história da institucionalização da medicina na Paraíba: o vínculo com a estrutura do Estado e a dependência dos cofres públicos para produzir e comunicar o conhecimento científico.

Em linhas gerais, *Medicina* publicava trabalhos originais e notas de pesquisa sobre os diversos ramos da medicina, bem como relatos de casos clínicos “curiosos” ou “dignos de nota”. Também trazia análises sobre temas sociais a partir da perspectiva biomédica. Além disso, publicava resenhas de livros e de trabalhos veiculados por outros periódicos nacionais e internacionais, constituindo uma rede de circulação do saber médico-científico. Completando sua linha editorial, divulgava as estatísticas dos serviços de saúde pública locais e noticiava os principais acontecimentos do mundo médico, notadamente as mais recentes descobertas científicas, o obituário de “vultos” da medicina e os eventos realizados por instituições de saúde da Paraíba. A maioria dos textos era assinada por membros da própria SMCPB<sup>40</sup>, embora *Medicina* também publicasse autores de outros estados. Isso possibilitou a construção de uma rede de produção e comunicação da ciência, conectando a Paraíba ao movimento de institucionalização da medicina nacional.

Durante os anos em que esteve em circulação, *Medicina* conviveu com problemas financeiros. Mesmo com o auxílio do Estado para a sua edição e publicação, não era fácil manter um periódico científico naquela época. Um indício destas dificuldades pode ser encontrado na edição de número 11 da revista, publicada em setembro de 1938. Num editorial, cuja autoria específica não é identificada, informa-se que “Medicina – órgão da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba – teve, por motivos superiores, suspensa a sua publicação por alguns meses”<sup>41</sup>. De fato, sua última edição havia sido publicada em julho de 1937. Por sinal, sua

<sup>39</sup> A Imprensa Oficial também editava e publicava o periódico oficial do governo do estado da Paraíba, o jornal *A União*, responsável por divulgar e defender as ações, projetos e visões dos grupos que controlavam o poder político local.

<sup>40</sup> A SMCPB ocupava um lugar central na linha editorial da revista. Como órgão oficial da associação, *Medicina* publicava atas de suas sessões, textos de conferências apresentadas em suas reuniões e até discursos de posse das diretorias da entidade.

<sup>41</sup> *Medicina*, João Pessoa-PB, ano VII, n. 1, set. 1938, p. 1.

periodicidade inconstante denuncia tais problemas. Com efeito, variou bastante a quantidade de exemplares produzidos a cada ano. Apenas a título de exemplo, enquanto em 1934 foram lançadas seis edições da revista – nos meses de janeiro, março, maio, julho, setembro e novembro – em 1935 saíram apenas duas – a de junho e a de outubro.

É neste ponto da história que entra a relação entre medicina e publicidade. Isto porque um dos recursos encontrados pela SMCPB para viabilizar a publicação de sua revista foi recorrer aos contratos publicitários. Os produtos anunciados eram todos relacionados ao universo da saúde. A grande maioria das propagandas era de medicamentos, mas também é possível encontrar alguns anúncios de farmácias, empresas que produziam utensílios médicos e editoras de livros de medicina<sup>42</sup>.

A literatura sobre o tema sugere que a presença da publicidade repercute sobre o perfil dos periódicos, pois visando manter ou ampliar sua cota de anunciantes e leitores eles “veiculavam o que era rentável no momento, procurando ‘suprir a lacuna’ do mercado, atender a expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os aos modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema”<sup>43</sup>. Dessa forma, imprensa e capitalismo articulavam-se na conformação de práticas de leitura e hábitos de consumo, pois:

A presença da propaganda em jornais e revistas abria novas perspectivas para ambos os lados: para a imprensa, como suporte econômico; para a indústria como veículo de ampliação do número de consumidores. [...]. Assim, a imprensa periódica destacou-se como campo privilegiado na lógica da configuração da sociedade capitalista, ao oferecer um produto atrativo que veiculava ao mercado leitor as infinitas possibilidades de consumo no mundo moderno<sup>44</sup>.

Nas últimas décadas a questão da comunicação tem despertado o interesse dos estudiosos da história das ciências. Partindo de abordagens e objetos específicos, autores como

<sup>42</sup> Também identificamos a publicidade de produtos alimentícios da *Nestlé*, indicados em tratamentos nutricionais, com destaque para os chamados “leites artificiais”, usados na alimentação de recém-nascidos.

<sup>43</sup> MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, Franca, SP, v. 22, n. 1, 2003, p. 61. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742003000100003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em 31/12/2020.

<sup>44</sup> COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 106 – 107.

Latour e Woolgar<sup>45</sup>, Knorr-Cetina<sup>46</sup>, Callon<sup>47</sup>, Shapin<sup>48</sup>, entre outros, identificaram a relação entre a produção, a comunicação e, sobretudo, a validação da ciência. Na sequência deste artigo introduzimos outra variável nesta equação. Ao analisar propagandas de medicamentos para a sífilis publicadas na revista *Medicina*, discutimos as aproximações entre a produção do discurso científico e os interesses mercadológicos.

## A TERAPÊUTICA ANTISIFILÍTICA ANUNCIADA NAS PÁGINAS DE *MEDICINA*

Em sua tese intitulada “*Da sôro-diagnose da syphilis pela reação de Dujarric*” apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), em 1927, o médico paraibano Flávio Maroja Filho afirmava “[...] ser a sífilis a moléstia com que o médico mais vezes se encontra na vida prática”. A sífilis era uma doença que segundo este médico não respeitava sexo, idade, raça, nem condições individuais e transmitindo-se à descendência, degenerava a espécie e entravava o progresso, constituindo um vasto e momentoso capítulo da medicina social. E não parecia mesmo exagerado o médico afirmar, citando Phillip Ricord, a existência de razões de sobra para dizer: “[...] que a caminharem as coisas desse jeito a patologia interna tornar-se-á dentro de pouco um anexo da sífilis”.

Em seu discurso, o médico ainda chamou atenção para o caráter dissimulado da sífilis em seus sintomas e manifestações, alertando para o “[...] envolver insidioso em uns, mascarada pela mais variada e desconhecida sintomatologia em outros”, para os quais o clínico “[...] sem recorrer a recursos outro senão os sinais apresentados pelo doente, o seu erro, certamente, perdurará muitas vezes”<sup>49</sup>. Um elemento patente nas considerações de Flávio Maroja Filho sobre a sífilis, que reflete o contexto vivido no âmbito da ciência médica brasileira na década de 1920, particularmente dentro da especialidade da sifilografia, o ramo da medicina que

<sup>45</sup>LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Tradução Ângela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

<sup>46</sup>KNORR-CETINA, Karin. “A comunicação na ciência”. In: GIL, Fernando (org.). *A ciência tal qual se faz*. Tradução Paulo Tunhas. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1999.

<sup>47</sup>CALLON, Michel. “Algunos elementos para una sociología de la traducción: la domesticación de las vieiras y los pescadores de la Bahía de Saint Brieuç”. In: IRANZO, Juan Manuel et al. (org.). *Sociología de la ciencia y la tecnología*. Madrid: CSIC, 1995.

<sup>48</sup>SHAPIN, Steven. *Nunca pura*. Estudos históricos de ciências como se fora produzida por pessoas com corpos, situados no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade. Tradução Erick Ramalho. Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora, 2013.

<sup>49</sup>MAROJA FILHO, Flávio. 1927, p. 7-8.

estudava essa doença, demonstrando que a sífilis se tratava de uma enfermidade a que se atribuíam muitos “poderes”, pois esta seria uma moléstia praticamente onipresente na clínica médica, de sintomas e manifestações dissimuladas que enganavam o olhar clínico, e pretensamente capaz de degenerar a prole.

Para uma melhor compreensão do enunciado médico feito pelo dr. Maroja Filho, faz-se necessário discutirmos a estruturação do conceito de sífilis, que permite entrever a concepção que existia à época em relação a essa doença, isto é, as fronteiras do que poderia ser definido sob a rubrica de sífilis. No desenvolvimento de nossa argumentação, partimos da linha desenvolvida por Ludwik Fleck que, seguindo retrospectivamente as fontes históricas acerca da “ideia da sífilis” desde o século XV, estabeleceu quatro princípios a partir dos quais, apesar das consideráveis mudanças em sua delimitação e definição, podemos compreender aquilo que conhecemos como “sífilis”, quais sejam: o princípio ético-místico<sup>50</sup>, que fixou o caráter pecaminoso da doença associado à culpa individual associado aos excessos sexuais e à luxúria; empírico-terapêutico, que estabeleceu como sífilítica toda doença que reagisse ao tratamento mercurial; patológico-experimental, que diferenciou a sífilis de outras doenças venéreas, caracterizando-a como uma entidade mórbida unicista, não somente sexualmente contraída, como sexualmente produzida; e patogênico, que concebeu a sífilis como uma doença geral que atuava por meio da corrupção do sangue e possuía a capacidade de alterar todos os fluídos corporais, afetando todo o organismo<sup>51</sup>.

Para Fleck, “*Sólo mediante esta influencia mutua, su cooperación y suoposición se llegó a la determinación de la sífilis como entidade nosológica tal y como la conocemos en la actualidad*”<sup>52</sup>. Segundo o autor existem regularidades históricas no curso do desenvolvimento das ideias, fenômenos gerais que caracterizam a história do conhecimento. Pensando nas relações gerais histórico-culturais que constroem o saber, Fleck afirmou que partindo do princípio patogênico, os médicos se empenharam em provar a ideia do sangue corrompido dos sífilíticos conseguindo desenvolver o chamado teste (ou reação) de Wassermann, em 1906.

<sup>50</sup> Os cânones do pensamento astrológico no final do século XV, acreditavam que a sífilis seria o resultado da conjunção astrológica de Saturno e Júpiter na Casa de Marte sob o signo de Escorpião, aos quais estavam submetidos os órgãos sexuais, em 25 de novembro de 1484, observando-se que a doença afetava inicialmente a região genital (FLECK, 1986, p. 46).

<sup>51</sup>FLECK, 1986, p. 49; 53-54; 57-60.

<sup>52</sup>FLECK, 1986, p. 48.



Ainda seguindo a argumentação explicitada por Fleck, destacamos em conformidade com o autor, que a reação de Wassermann permitiu o estabelecimento de novas fronteiras no conceito de sífilis, criando uma disciplina enquanto um campo do conhecimento independente: a sorologia. Frequentemente referia-se ao teste de Wassermann simplesmente como prova sorológica. Assim, para Fleck: “*Al mismo tiempo, la reacción repercutió sobre el concepto etiológico de la idea de sífilis, base sobre la que se definía a la entidad nosológica en el estadio primário. Con esto quedo trazada la frontera actual de la sífilis*”<sup>53</sup>.

Igualmente relevante na definição da fronteira do conceito de sífilis foi a descoberta do agente etiológico, identificado por Fritz Richard Schaudinn e Paul Erich Hoffmann no dia 3 de março de 1905. Na ocasião, Schaudinn examinou um preparado a fresco, cujo material fora obtido por Hoffman de uma pápula erodida na vulva de uma mulher com sífilis secundária. O exame foi realizado em um, que para a época era moderno, microscópio “[...] Zeiss com [lentes] objetivas apocromáticas, permitindo a Schaudinn observar vários microrganismos espiralados, muito claros, delgados, rodando em torno de seu maior comprimento e movendo-se para frente e para trás”<sup>54</sup>, que permitiu a Schaudinn detectar a presença no tecido líquido fresco da pápula sífilítica, minúsculos corpos espiralados delicados se movimentando. Tratava-se de uma espiroqueta, a bactéria *Treponema pallidum*.

Em seguida, foram empreendidos experimentos, que se mostraram exitosos, que consistiam em transmitir substâncias com as espiroquetas para macacos. Por meio dos cultivos da *T. pallidum* e das experiências de inoculação em coelhos e macacos, se colocou, segundo Fleck, “*la ultima piedra del edificio de la idea del agente causal*”<sup>55</sup>. O moderno conceito de sífilis encontrava-se, desse modo, completamente estabelecido.

Na passagem do século XIX para o XX, Sérgio Carrara afirmou que a sífilis havia passado por uma revolução científica, momento em que se estabilizaram em linhas gerais um modelo de compreensão da doença, mantendo-se praticamente inalterado até meados da década de 1940. Essa mudança ocorreu em termos que envolvendo:

---

<sup>53</sup> FLECK, 1986, p. 61.

<sup>54</sup> SOUZA, Elemir. Há cem anos a descoberta do *Treponema pallidum*. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. v.80, n.5, pp. 547-548, 2005, s./p.

<sup>55</sup> FLECK, 1986, p. 63.

[...] a própria definição da doença – seu agente causal, sua sintomatologia, os meios de transmissão, suas consequências orgânicas e sociais, sua evolução epidemiológica e os meios terapêuticos e profiláticos para abordá-la –, este modelo configurou o discurso e, em larga medida, justificou as ações que, em seu conjunto, formavam a *luta antivenérea*<sup>56</sup>.

O momento vivido no campo científico confluía para entender a mudança com relação à compreensão da sífilis. As últimas décadas do século XIX foram marcadas pela descoberta da microbiologia, em que se investigava sobre o papel dos micróbios como causadores de diversas doenças. Tais estudos provocaram, especialmente nas ciências da saúde, uma alteração com relação à percepção da doença<sup>57</sup>.

Apesar de continuar sendo compreendido pela metáfora de uma “invasora”, a sífilis tem o tema do envenenamento substituído pelo tema do parasitismo e da infestação. Como Fleck e Carrara chamaram a atenção, tais mudanças tiveram um impacto decisivo nas práticas terapêuticas da sífilis. Contudo, se ocorreram mudanças, as permanências também foram significativas, tanto do ponto de vista das concepções morais quanto médicas. Não sendo, contudo, nosso objetivo adentrar na discussão sobre o aspecto sociocultural e psicológico atribuído historicamente à sífilis, cabe-nos afirmar que o doente sífilítico continuou a sofrer com o opróbrio social e os estigmas<sup>58</sup> associados à doença.

Ao todo, localizamos anúncios de 12 diferentes medicamentos terapêuticos antissifilíticos, publicados entre 1932 e 1942. Para se ter uma ideia quanto ao que esse número representa, salientamos que encontramos um total de 62 anúncios de diferentes fármacos destinados as mais diversas finalidades terapêuticas. Os anúncios de preparados antissifilíticos representaram, portanto, aproximadamente 20% do total de reclames medicamentos publicados na revista *Medicina*. Mas esse número representa apenas a diversidade de diferentes

<sup>56</sup> CARRARA, 1996, p. 25.

<sup>57</sup> ROSEN, George. “A era bacteriológica e suas consequências”. In: ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, Unesp; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994, p. 219-252.

<sup>58</sup> Por estigma compreendemos o conceito proposto por Erving Goffman como uma referência a um atributo depreciativo, geralmente de caráter negativo, para confirmar a normalidade de outrem. O autor identificou três tipos de estigmas: abominações do corpo; culpas de caráter individual e por fim estigmas tribais de raça, nação ou religião. Cf. GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. Ressaltamos que o doente sífilítico poderia ser inserido nas três categorias: as *abominações do corpo* ligadas às manifestações sintomáticas da doença (lesões cutâneas e deformações no rosto); as *culpas de caráter individual* associadas à dimensão moral da doença que foi vista como uma espécie de castigo para o comportamento sexual tido como promíscuo; e, por fim, os *estigmas tribais de raça* podem ser relacionados às manifestações da sífilis congênita, dita hereditária.

*medicamentos*. Dentro do total de 196 *peças publicitárias* de medicamentos publicadas em quase uma década de circulação da revista, 47<sup>59</sup> reclamações eram aparições de medicamentos destinados a terapêutica antissifilítica<sup>60</sup>, isso representou aproximadamente 24% de todos os anúncios timbrados no periódico. Apesar do grande número de anúncios, contendo medicamentos antissifilíticos, encontramos apenas dois artigos escritos por médicos paraibanos a respeito da sífilis publicados na revista *Medicina*.

O primeiro se refere a uma observação clínica de uma paraplegia, isto é, paralisia dos membros inferiores, escrito pelo dr. Mário Coutinho em comunicação apresentada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba (SMCPB) e publicada na revista *Medicina* no nº 4 de julho de 1934, intitulada “Paraplegia espasmódica, tendo por causa uma goma sífilítica no canal raquiano (?)”, sobre a qual voltaremos a tratar mais adiante. O segundo consiste numa comunicação feita a partir de uma observação clínica no Hospital Pedro I, na cidade de Campina Grande, apresentada à revista *Medicina* de autoria do dr. Vital Rolim, intitulava-se “Uma localização interessante da sífilis” e foi publicada na edição de nº 6 de novembro de 1934 da referida revista.

Os fármacos destinados ao tratamento antissifilítico eram os mais variados. Preparados como *Lipocarbisan* (06), *Iodobisman* (06), *Phospharyrio* (08), *Natrol* (03), *Iomuni* (03), *Iodestabil* (03), *Neo-Luex* (03), *Quiniobis Solubilizado* (03), *Storvasol* (02), *Ibiol* (03), *Cerbi* (06) e *Neosalvarsan* (01)<sup>61</sup> eram anunciados como remédios indicados por seus respectivos laboratórios para tratar de forma eficaz a infecção luética. Suas fórmulas variavam, mas o mercúrio, o iodo, o arsênico e o bismuto figuravam presentes em quase todos. No espaço que nos cabe neste artigo, optamos por analisar aqueles cujos reclamações quantitativamente mais estamparam as páginas desse periódico médico, bem como aqueles em que qualitativamente

<sup>59</sup> Esse número não inclui as 05 publicidades do medicamento *Citrobi*, específico contra a sífilis, anunciado conjuntamente com outros preparados do Instituto Brasileiro de Microbiologia (IBM) e do representante J. R. Vasconcelos na cidade de João Pessoa, foi incluímos no quantitativo de medicamentos anunciados nos catálogos do laboratório ou distribuidor, e pelo mesmo motivo não está entre o número de medicamentos específicos contra a sífilis.

<sup>60</sup> Sendo demasiado extenso especificarmos todos os anúncios publicados na revista *Medicina* entre 1932 e 1942, deixamos expostos os seguintes dados para esclarecer o nosso eventual leitor quanto ao quantitativo e o respectivo percentual dentro do total de anúncios de medicamentos identificados e a finalidade curativa: sífilis 47 (24%); reconstituente/anemia/fraqueza em geral, 27 (14%); tosse/gripe, 15 (8%); curativos, 10 (5%); soluções desinfetantes, 10 (5%); infecções/problemas intestinais 09 (5%); blenorragia, 08 (4%); medicamentos diversos anunciados em catálogo do distribuidor ou laboratório fabricante, 22 (11%); outros/variados, 46 (23%); não especificado 02 (1%).

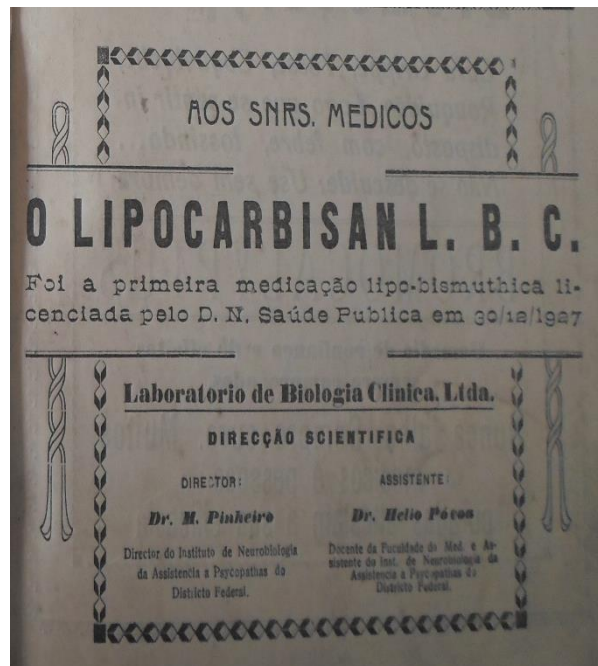
<sup>61</sup> Entre parênteses estão especificadas a quantidade de vezes em que o respectivo medicamento foi anunciado nas páginas da revista *Medicina*.

identificamos uma maior apropriação de elementos científicos para validar sua eficácia nos anúncios e aplicação clínica pelos médicos paraibanos.

A organização e disposição desses anúncios variaram conforme as edições da revista *Medicina*, mas ainda assim, é possível identificar uma normatização em relação à disposição e distribuição das peças publicitárias ao longo da revista. Nas três edições de 1932, os anúncios foram publicados à altura da metade da revista, em blocos de dois ou três por página, ou ainda aqueles que ocupavam uma página inteira. A partir das edições de 1933 teremos uma mudança nessa disposição, quando os anúncios passam a aparecer no começo da revista, logo após o sumário e ao final da edição depois da seção “noticiário” e aquela destinada à análise bibliográfica de trabalhos publicados em outros periódicos médicos do Brasil e do mundo.

De 1933 em diante, os reclames continuam dispostos seguindo o mesmo padrão: blocos de dois anúncios por página, ocorrendo muitas vezes reclames de um único medicamento ocupando o espaço de uma página inteira, cobrindo geralmente na quantidade de duas, três e até quatro páginas, tanto no começo quanto final de cada edição da revista. Apesar de algumas variações, a disposição foi mais ou menos a mesma ao longo de toda a década de 1930. Em alguns casos, encontramos ainda, especialmente nas edições entre 1934 e 1936, anúncios avulsos publicados na parte inferior das páginas que continham os trabalhos escritos pelos médicos. Especialmente a partir das edições de 1939, notamos uma tendência maior por anúncios que ocupavam uma página inteira do periódico, ocorrendo edições em que todos os reclames foram dispostos dessa maneira.

Em decorrência do espaço limitado de análise, em especial em se tratando do elemento retórico das imagens, como é o caso das publicidades, ao nos debruçarmos na análise desses anúncios, selecionamos quatro publicidades, dentre aquelas que mais timbraram as páginas da revista *Medicina*, bem como aquelas as quais acreditamos ilustrar melhor a apropriação do discurso médico-científico nas propagandas de medicamentos antissifilíticos e aplicação clínica no meio médico paraibano, quais sejam: *Lipocarbisan L.B.C.*; *Iodobisman*; *Quiniobis Solubilizando* e *Neosalvarsan*.

Figura 1 – Anúncio de *Lipocarbisan*(Detalhe)

Fonte: *Medicina*. João Pessoa-PB, ano II, n. 6, set. 1933.

Principiamos nossa exposição com a publicidade do *Lipocarbisan L. B. C.*, que era anunciado nas páginas de *Medicina* aos “senhores médicos” como sendo a primeira medicação “lipo-bismútica” licenciada pelo Departamento Nacional de Saúde Pública em 1927. No anúncio, podemos encontrar um fator de legitimação do discurso médico-científico a partir de dois elementos: a presença do laboratório e a direção científica da produção do medicamento. O medicamento era produzido pelo Laboratório de Biologia Clínica Ltda., cuja direção científica era conduzida pelos doutores Mário Pinheiro, diretor do Instituto de Neurobiologia da Assistência a Psicopatas no Rio de Janeiro e Hélio Póvoa, professor da FMRJ e assistente do referido instituto. Nessas condições, o preparado encontrava-se legitimado pelo lugar ocupado pelos médicos como diretor e assistente do Instituto de Neurobiologia, na direção do L.B.C.

Particularmente na década de 1930, verificamos uma grande profusão de anúncios de medicamentos contra a sífilis nas páginas da revista *Medicina*. Opções terapêuticas não faltavam aos profissionais em medicina. Na mesma edição de *Medicina* encontramos a publicidade de diversos medicamentos antissifilíticos, alguns estampados em páginas subsequentes como a do *Lipocarbisan* e do *Iodobisman*, distribuído por Pio, Miranda & Cia.

Ltda., com depósito no Rio de Janeiro, este na página à esquerda e aquele na página à direita (veja-se a Figura 2).

Figura 2. Disposição de anúncios de medicamentos em duas páginas



Fonte: Medicina, 1942.

Os anunciantes desse fármaco ofereciam um atrativo aos médicos: conferiam-lhes literatura sobre a sífilis e amostras grátis. O reclame afirmava que *Iodobisman* seria o “Único iodeto de bismuto injetável até hoje preparado” e continuava “Absolutamente indolor, sem anestésico – suspensão em óleo de olivas quimicamente puro”, vaticinando “Resultados surpreendentes no tratamento de todas as formas e manifestações sífilíticas”, como pode se verificar na Figura 2. Aqui encontramos novamente uma fórmula terapêutica composta à base de bismuto e que utilizava outra substância muito comum no tratamento à sífilis, o iodo. Escrito em linguagem técnica, marcadamente referindo-se a nomenclaturas retiradas da química, o que chamaremos aqui de *linguagem de laboratório*, o anúncio se apropria de terminologias científicas para legitimar sua eficácia e acuidade em relação ao tratamento medicamentoso da

sífilis. Mas, ao contrário do *Lipocarbisan*, não trazia em sua publicidade a referência ao laboratório ou aos médicos responsáveis pela fórmula.

Em virtude de tal disposição dos reclames na revista *Medicina*, cabe indagarmos acerca de quais eram as estratégias de comercialização desses espaços dentro das edições desse periódico. Verificamos que a tabela de preços de anúncios na revista *Medicina* passou a ser publicada na contracapa do periódico a partir das edições de 1938. Para estampar uma página inteira por número cobrava-se 50\$ réis, para a publicação de anúncios em oito números anuais era cobrada uma taxa de 800\$ réis. Caso o anunciante desejasse publicar em metade da página do periódico, deveria desembolsar uma quantia mais modesta: 30\$ réis por um número e 200\$ por oito números anuais<sup>62</sup>. Acreditamos que, em decorrência da falta de periodicidade de circulação da revista, isto provavelmente representou um empecilho para que o anunciante resolvesse investir de modo mais duradouro na revista, sendo mais atrativa financeiramente a publicação por número avulso da revista.

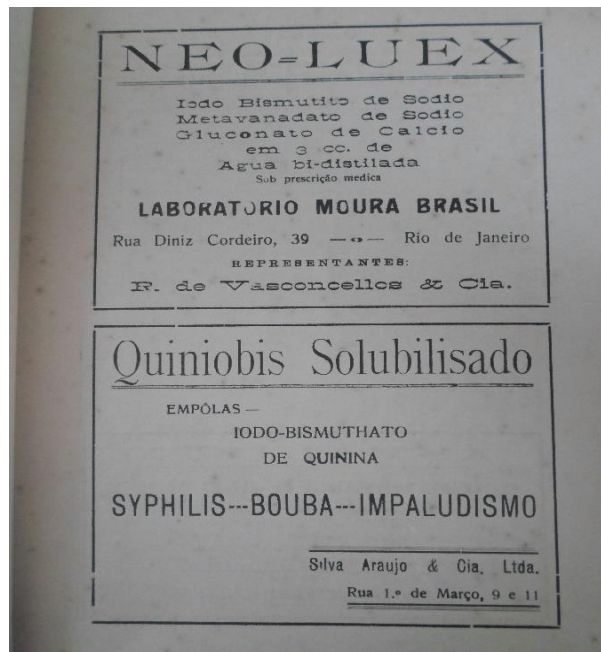
Se considerarmos a quantidade de vezes que cada um desses medicamentos apareceu nas páginas da revista *Medicina* (seis vezes cada), podemos afirmar que nenhum dos anunciantes optou como estratégia de publicação dos seus produtos um contrato de longo prazo com o periódico médico, tendo provavelmente optado por pagar pela veiculação dos reclames em um único número. Para reforçar nosso argumento, ressaltamos ainda a intermitência com que aparecia, por exemplo, o anúncio do *Iodobisman*: seu primeiro reclame apareceu na edição de setembro de 1933, não constou na edição seguinte de janeiro de 1934 e voltou a aparecer na edição de março de 1934, enquanto o *Lipocarbisan* apareceu pela primeira vez a partir de outubro de 1932 e ocupou todas as edições da revista até maio de 1934, mas não foi publicado mais nenhuma vez a partir do número de julho de 1934.

Em uma mesma edição da revista *Medicina*, encontramos seis anúncios<sup>63</sup> de medicamentos antissifilíticos: o *Natrol*, indicado para dermatoses “bolhosas” e no tratamento em todas as manifestações da sífilis, composto de tártaro-bismutato de sódio, apresentado em ampolas de 2 ml de injeções indolores; o *Neo-Luex* a base de iodo bismutito de sódio e outros elementos, que apesar de não constar no seu anúncio (veja-se a Figura 3) sua especificidade

<sup>62</sup> *Medicina*, João Pessoa, ano VII, n. 2, nov. 1938.

<sup>63</sup> Em que se pese a forte presença de anúncios de medicamentos específicos para a sífilis nas páginas da revista *Medicina*, não encontramos indícios de possíveis embates entre laboratórios concorrentes nas páginas desse periódico médico.

antissifilítica, o sabemos por meio de outras fontes<sup>64</sup>; o *Quiniobis Solubilizado* distribuído em ampolas de iodo bismutato de sódio; o *Ibiol* do Laboratório Bioquímico Paraibano, indicado para combater a sífilis e a boubá; o *Phosphargyrio* do Laboratório Gross, recomendado para corrigir a ação depressora do mercúrio e combater a anemia decorrente da sífilis secundária; o *Iomuni* composto de iodeto de sódio destinado a tratar da sífilis em todas as manifestações e o *Iodestabil* para mediar, entre outras coisas, a irites sífilítica. Estes dois últimos foram veiculados no mesmo anúncio, pois ambos eram fabricados pelo Instituto Vital Brasil<sup>65</sup>. Tal dado possivelmente indica uma crescente associação entre a indústria farmacêutica e os profissionais da medicina. Nos deteremos com mais atenção sobre o *Quiniobis Solubilizado*, vejamos:



Fonte: *Medicina*, João Pessoa-PB, ano VI, n. 1, jul. 1937.

O *Quiniobis Solubilizado* era apresentado sob a forma de ampolas de “Iodo-bismutato de quinina”, indicado para o tratamento da sífilis, boubá e impaludismo, representado por Silva Araújo & Cia. A maioria dos anúncios seguiam uma mesma racionalidade de organização e estruturação de seus elementos para a exposição do seu conteúdo. Notamos com recorrência a seguinte estrutura apresentada pelos anunciantes: nome do medicamento, seguido de uma

<sup>64</sup>Cf. ARAÚJO, Rafael Nóbrega. O terrível flagelo da humanidade: discursos médico-higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940). São Paulo: e-Manuscrito, 2021, p. 192.

<sup>65</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano VI, n. 1, jul. 1937.



apresentação geral de sua fórmula, a enfermidade indicada para o tratamento, o laboratório responsável pela sua fabricação/fórmula e o endereço de um representante ou distribuidor. Timbrados na mesma página, os anúncios acima expostos são muito semelhantes entre si sob vários aspectos. Para além da disposição gráfica de ambos, chamamos a atenção para o fato de que a estratégia de comercialização dos espaços publicitários da revista *Medicina* tenha colocado em uma mesma página dois preparados antissifilíticos que levavam bismuto na sua composição.

O uso desses medicamentos na prática médica pôde ser atestado por meio da análise das observações clínicas feitas por médicos paraibanos e publicadas na revista *Medicina*. Em um trabalho apresentado à SMCPB, e depois publicado na revista *Medicina* sob o título “Paraplegia espasmódica, tendo por causa uma goma sífilítica no canal raquiniano (?)”, o dr. Mário Coutinho expôs uma observação clínica efetuada na Paraíba. O paciente identificado como F. G. da S., 26 anos, pardo, solteiro, natural da Paraíba, trabalhador do refino de açúcar, baixou no hospital em 09 de junho de 1929. As queixas davam conta de dormência e formigamento nos pés com início há um mês. Essas manifestações aumentaram dia após dia, até que o paciente ficasse impossibilitado de movimentar-se e até mesmo de se levantar<sup>66</sup>.

O exame feito no dia seguinte verificou que os membros inferiores eram inertes em extensão e rotação interna, sendo quase toda a região abaixo do umbigo insensível ao tato, à dor e a temperatura. Esfíncteres perturbados com atonia intestinal e incontinência urinária. O líquido cefalorraquidiano se mostrava claro, límpido e a reação de Wassermann foi positiva. A observação clínica dava conta de um caso de paraplegia, ou seja, paralisia dos membros inferiores, causada por lesões no encéfalo, medula ou nervos periféricos<sup>67</sup>.

A paraplegia poderia se dever a algumas causas, que o médico discorre em sua comunicação sobre a observação clínica. O dr. Mário Coutinho argumentou que se fazia necessário a distinção da possível “[...] paraplegia por mielite sífilítica daquelas que se dão por compressão medular de outra natureza”, para a qual o médico se apoiou “[...] não nos sinais de mielite, que são idênticos, mas sobre os concomitantes da sífilis”<sup>68</sup>. No caso da sífilis, o líquido cefalorraquidiano seria claro, límpido e a reação de Wassermann positiva, já no caso da

<sup>66</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934, p. 15.

<sup>67</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934, p. 15.

<sup>68</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934, p. 16.

compressão medular, o líquido seria amarelado e a reação de Wassermann seria negativa. Conforme tivemos oportunidade de destacar acima, a primeira situação era a que se apresentava.

Diante de sua observação clínica, o dr. Mário Coutinho destacou que em um exame realizado no dia 25 de agosto de 1929, o paciente já não apresentava o quadro de inércia de outrora, movimentando bem os membros e andando com normalidade. Segundo o médico “As perturbações dos esfíncteres desapareceram após o término da primeira série de ‘**Quiniobis Solubilizado**’, quando o doente começou a andar na enfermaria apoiado por uma bengala”<sup>69</sup>. Segundo médico, o caso que se apresentava tratava-se de uma goma sífilítica localizada na face interna do canal cefalorraquidiano, comprimindo a medula e provocando a sintomatologia descrita pelo clínico. A terapêutica do caso consistiu então do uso de iodo bismutato de quinina (fórmula do *Quiniobis Solubilizado*), quando se deu pela “[...] falta deste produto continuamos o tratamento pelo neo-salvarsan [...] não sendo mais possível adquirir empolas de 914, encaminhamos o doente para o serviço de profilaxia da sífilis”, onde ele iria tomar mais 4,50 ml do referido medicamento, para assim garantir “uma cura mais segura”<sup>70</sup>.

Com efeito, vemos assim, a utilização clínica por parte de médicos paraibanos na sua prática profissional dos medicamentos anunciados no periódico da SMCPB. Além deste, encontramos também outros relatos, como o do dr. Vital Rolim que narrou o caso de um endurecimento celular subcutâneo na região do peritônio provocado pela sífilis, também publicado nas páginas da revista *Medicina*, onde aplicou iodeto de sódio (fórmula do *Iomuni*) para tratar de seu paciente na cidade de Campina Grande<sup>71</sup>, que demonstram a apropriação da classe médica no estado da Paraíba sobre esses medicamentos. Contudo, até onde a fonte nos permite afirmar, não foi possível identificar se existia algum retorno financeiro para estes médicos por utilizarem as medicações anunciadas.

Observamos nestas e em outras publicações na imprensa, que os médicos paraibanos demonstravam estarem atentos às discussões médico-científicas em torno da terapêutica da

<sup>69</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934, p. 16, grifos nossos.

<sup>70</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934, p. 17.

<sup>71</sup>*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 6, nov. 1934, p. 24-25. Trabalhos publicados recentemente tiveram oportunidade de analisar de forma mais pormenorizada o caso clínico supracitado. Cf. ARAÚJO, Rafael Nóbrega. 2021, p. 144 – 146.

sífilis. Odr. José Maciel, por exemplo, destacou que já havia muitos meios terapêuticos para a sífilis, desde o:

[...] antiquíssimo tratamento mercurial que inegavelmente será sempre um dos mais importantes, o arsenical, abrangendo tudo o que há sobre a base e especificando-se, em destaque o neo-salvarsan – novo arseno-benzól – 914 – até a recente medicação de Sazerac e Levaditi sob a denominação de trepól, resultante de combinações químicas entre certos e determinados corpos, tártaro bysmuthato de potássio e sódio<sup>72</sup>.

Além da descoberta do tratamento arsenical, sob a forma do *Neosalvarsan* ou 914, o dr. José Maciel demonstrava estar atento as recentes descobertas dos médicos Sazerac e Levaditi do Instituto Pasteur, em Paris, a respeito “[...] das qualidades antissifilíticas do bismuto”<sup>73</sup>. O bismuto, conforme analisado anteriormente, figura como a principal substância empregada em diversos medicamentos anunciados nas páginas da revista *Medicina* como sendo específicos para a sífilis.

Na trajetória terapêutica da sífilis, o mercúrio desempenhou um papel preponderante desde a irrupção da doença no século XV e foi amplamente empregado até o uso generalizado da penicilina na década de 1940. Conforme dito anteriormente, o princípio empírico-experimental considerava que toda moléstia que cedesse à ação do mercúrio seria considerada sífilítica. Por se constituir num potente diurético, os médicos acreditavam que essa substância poderia expulsar o “vírus” da sífilis do organismo, assim os sífilíticos eram induzidos à contaminação pelo mercúrio por via respiratória, através de fumigações de vapor, por via cutânea por meio de loções e fricções, por via oral mediante a ingestão de sais ou por meio de injeções já no século XX<sup>74</sup>. “Mercúrio, arsênico, bismuto e iodetos foram inicialmente usados na tentativa de tratar a sífilis, mas mostraram baixa eficácia, toxicidade e dificuldades

<sup>72</sup> MACIEL, José. op cit., s./p.

<sup>73</sup> CIANCIO, Nicolau. Quantos são os micróbios da syphilis? *A União*. Parahyba do Norte-PB, ano XXXVI, n. 100, 9 maio 1928, p. 1.

<sup>74</sup> O'SHEA, J. 'Two minutes with venus, two years with mercury': mercury as an antisyphilitic chemotherapeutic agent. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 83, n. 6, 1990, p. 393.

operacionais”<sup>75</sup>, e que ainda assim foram amplamente utilizados na terapêutica antissifilítica, especialmente a medicação arsenical, cuja aplicação contra a sífilis foi bastante recorrente<sup>76</sup>.

Seguindo a trilha das permanências históricas na linha do desenvolvimento do conhecimento médico delineadas por Ludwik Fleck, é importante ressaltar que a partir da ideia do mercúrio, surgiu uma teoria geral químico-terapêutica da qual emergiram relevantes descobertas como *Salvarsan* e outros remédios<sup>77</sup>. Inspirado pela tradição do tratamento mercurial, pelas recentes descobertas do agente etiológico da sífilis e na crença em torno da existência de uma substância bioativa capaz de destruir seletivamente um patógeno, chamada de “bala mágica”<sup>78</sup>, a equipe médica do bacteriologista alemão Paul Ehrlich desenvolveu, em 1910, o tratamento da sífilis à base de arsênio. Após a realização de diferentes experimentos com soluções em coelhos inoculados com a bactéria da sífilis, Ehrlich e sua equipe testemunharam a regressão da lesão sifilítica com o composto de número 606, que foi batizado de *Salvarsan*, lançado como um fármaco para tratamento dos doentes sifilíticos<sup>79</sup>. Apesar disso, os efeitos do arsênio no organismo eram potencialmente tóxicos, o que levou mais tarde a ser desenvolvido um composto menos nocivo que se apresentou no experimento de número 914, posteriormente, batizado de *Neosalvarsan*<sup>80</sup>.

O tratamento com o “914” era a última novidade da moderna quimioterapia. A terapêutica empregada seria de assalto ao terrível flagelo da humanidade: a ação do medicamento consistia em localizar o microrganismo no interior do organismo, neutralizá-lo e, se possível, eliminá-lo. Sobre o *Neosalvarsan* parecia recair uma aura miraculosa, que supostamente garantiria aos portadores da sífilis uma cura<sup>81</sup>. Temos registro da recepção e da primeira utilização dos compostos arsenicais na Paraíba, que fora anunciada com muito entusiasmo pelos periódicos locais. Segundo o médico Humberto Nóbrega, no alvorecer do século XX a descoberta feita pelo dr. Paul Ehrlich de um “treponemicida” feito à base de

<sup>75</sup> AVELLEIRA; J. C.; BOTTINO, G. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. v.81, n.2, 2006, p. 120.

<sup>76</sup> Sobre a utilização da medicação arsenical sob a forma do *neosalvarsan* e outras práticas terapêuticas no combate à sífilis na Paraíba: Cf. ARAÚJO, Rafael Nóbrega. 2021, p. 132.

<sup>77</sup> FLECK, 1986, p. 64.

<sup>78</sup> Teoria criada pelo bacteriologista alemão Paul Ehrlich que consistia em uma substância direcionada a estruturas celulares de microrganismos que as aniquilasse. Cf. UJVARI; ADONI, 2014, p. 95.

<sup>79</sup> UJVARI; ADONI, 2014, p. 95.

<sup>80</sup> CARRARA, 1996, p. 34.

<sup>81</sup> SÁ, Lenilde Duarte de. *Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios*. O Serviço de Higiene Pública: 1895-1918. Ribeirão Preto, SP: Tese (Doutorado) – USP/ EERP, 1999, p. 225.

compostos químicos arsenicais, “[...] foi recebida com entusiasmo igual ao que, posteriormente, nos anos quarenta era saudado o raiar da era dos antibióticos”<sup>82</sup>.

O *Neosalvarsan* era fabricado pela Bayer e foi amplamente utilizado na terapêutica da sífilis até pelo menos a década de 1940. Com o decorrer do tempo, percebeu-se que as aplicações de longas séries de injeções ao longo de vários anos no tratamento feito com os compostos arsenicais nem sempre curava, muito embora fizesse com que as lesões contagiantes cicatrizassem<sup>83</sup>. Essa medicação recebeu amplo destaque nos anúncios publicados pela revista *Medicina*.

Figura 4 – Anúncio de *Neosalvarsan*



Fonte: *Medicina*, João Pessoa, ano XI, n. 5, set.1933.

O anúncio, que ocupa uma página inteira do periódico médico, traz com enorme destaque a representação imagética do produto anunciado. O nome *Neosalvarsan* destacado em

<sup>82</sup>NÓBREGA, Humberto.1979, p. 309-310.

<sup>83</sup> CARRARA, 1996, p. 34.

azul-claro no alto do anúncio contrastava com os tons mais escuros de vermelho e preto predominantes no reclame. Imponente, a sua embalagem vermelha, selada com o símbolo da Bayer, encontra-se revestida por uma aura em tons avermelhados que contrasta com o fundo negro da página. A coloração vermelha, elemento sanguíneo, provavelmente estava associada à concepção consagrada pela “sifidiologia”, da doença enquanto uma corrupção desse líquido vital, conforme pode ser visto na Figura 4.

Ricamente detalhada, a caixa mostra o nome *Neosalvarsan*, uma marca registrada do laboratório, em letra cursiva, identificando logo abaixo a fórmula química do composto, onde se podia ler “diamino dioxarsenobenzol-metansulfoxilato”. O objetivo principal do reclame era apresentar a identidade visual do produto, facilitando ao consumidor, os médicos que receitavam ou os pacientes que o compravam, identificá-lo quando fosse à farmácia ou ao depósito mais próximo. Na parte central da composição que representa a embalagem do fármaco anunciado, é possível ver um leão e vários símbolos da Bayer, cujo nome na vertical e horizontal se encontra na altura do “Y” para formar uma cruz dentro de um círculo. Em letras miúdas, mas ainda assim legíveis, é possível identificar o fabricante e a origem do medicamento: “I. G. Farbenindustrie Aktiengesellschaft Leverkusen, Alemanha”.

É importante destacar que a Bayer era o ramo farmacêutico da I.G. Farben. Com a ascensão de Hitler, essa indústria passou a acumular em seus cofres um fluxo constante de dinheiro. A política do *führer* pregava o combate ao comunismo, o fim do desemprego, melhorias na saúde, incentivo à agricultura e, sobretudo, ao progresso industrial. Com a nova política nazista a megacorporação alemã se revigorava e passou a lucrar com a modernização da Alemanha. Hitler injetou dinheiro na indústria e a I.G. Farben foi encarregada de tornar a nação autossuficiente para as pretensões militares dos nazistas. A Bayer, um dos muitos tentáculos desse conglomerado industrial, ampliava sua fortuna com a produção de medicamentos<sup>84</sup>. Notamos ainda que o anúncio de um produto da I.G. Farben foi feito em uma revista médica no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, num momento em que o presidente Getúlio Vargas já havia declarado guerra à Alemanha Nazista<sup>85</sup>.

<sup>84</sup> UJVARI; ADONI, 2014, p. 96-97.

<sup>85</sup> Vargas declarou guerra à Alemanha em apoio aos Estados Unidos em 22 de agosto de 1942, o anúncio é de setembro.

Outro elemento a que chamamos atenção no anúncio é a inscrição em letras muito pequenas abaixo do nome *Neosalvarsan*, que recomendava a venda “sob prescrição médica”. A etiqueta apregoada na embalagem, na parte de baixo do anúncio, utiliza do recurso lúdico para que o médico leitor se remetesse às informações importantes que estavam destacadas no verso da página, que eram as seguintes:

O NEOSALVARSAN existe no mercado em quantidade suficiente para atender qualquer pedido em todas as dosagens. O NEOSALVARSAN deve ser dissolvido conforme as nossas instruções somente em **água bidestilada** ou em **soro glicosado à 10%** o que proporciona uma perfeita solução homogênea e máxima tolerância. Não assumindo qualquer responsabilidade por soluções de Neosalvarsan preparadas com outros meios dissolventes como sejam, extratos hepáticos, soluções de cálcio, etc., que frequentemente estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde, a alteração fora do controle do fabricante<sup>86</sup>.

Com base no texto que acompanha o reclame, podemos observar que se tratava de uma comunicação que não era destinada ao público leigo, não obstante a própria publicação em uma revista médica implicasse essa observação. Mas destacamos a apropriação da linguagem científica presente no excerto do anúncio que relega a bem poucos, apenas aos detentores do saber médico científico, o conhecimento adequado para a administração do medicamento e as nuances de sua funcionalidade.

Em primeiro plano, destacamos que o fabricante do fármaco assegurava a existência de estoque suficiente no mercado para atender a demanda acerca de qualquer dosagem. A informação talvez se devesse em decorrência do conflito mundial que se desenrolava na época. Importava garantir aos consumidores, isto é, a comunidade médica (mas também, consequentemente, os sífilíticos que seriam medicalizados pelo preparado), que o abastecimento do produto não seria prejudicado. Em segundo lugar, o excerto do reclame traz recomendações quanto a sua utilização. Indica que o medicamento somente pode ser aplicado mediante a restrita orientação dada pelo fabricante, qual seja, dissolver o composto em água bidestilada ou soro glicosado a 10%. A água bidestilada, como o próprio nome indica, refere-

<sup>86</sup>*Medicina*. João Pessoa, n. 5, ano XI, set. 1942, grifos no original.

se à água que passa por um duplo processo de destilação, tendo em vista que mesmo no processo de destilação comum, nem todos os sais minerais contidos no líquido são eliminados da presença na água. Ela é utilizada em laboratórios em processos químicos que exigem a pureza de elementos. Por seu turno o soro glicosado é uma solução que contém glicose em água, que existe nas vertentes isotônica, que corresponde a 5,5% de massa, isto é, 5,5g para cada 100 ml de glicose; hipotônica representando 2,5% e hipertônica a 10% de massa para 100 ml de glicose. Esta última concentração é a que se encontra referida no texto do anunciante. Geralmente é utilizada no campo médico para o preparo de medicamentos dissolvidos por meio de acesso venoso.

Deveria ser estritamente necessário seguir essas recomendações conferidas pelo laboratório fabricante, do contrário, não se obteriam: a) uma solução homogênea e b) uma máxima tolerância. O primeiro aspecto seria necessário para o bom resultado terapêutico no emprego do preparado no tratamento da sífilis, embora o mesmo medicamento fosse utilizado no processo de “neosalvarsanização” no combate à boubá<sup>87</sup>. Em segundo, para obter a máxima tolerância, possivelmente o anunciante se referia à reação fisiológica ao preparado. Era largamente conhecido entre os médicos os prejuízos à saúde do enfermo da utilização prolongada do *Neosalvarsan*. Cogitamos que sabendo dos inconvenientes da má preparação ou utilização do preparado arsenical, a Bayer já se precavesse contra eventuais alterações na medicação que “fugiam” ao seu controle.

Recorrendo ao saber farmacêutico, encontramos referências ao tratamento arsenical para a sífilis na obra do farmacêutico fluminense Orlando Rangel, formado pela FMRJ, em 1888, intitulada *A sífilis e o seu tratamento*, que consiste em uma série de publicações e conferências ministradas pelo autor que tem como tema a sífilis, publicada em 1937. Segundo afirmava o autor, grandes doses de esterilização da sífilis pelo uso de arsenobenzois (como é o caso do *Salvarsan* e do *Neosalvarsan*) era capaz de provocar incidentes e acidentes, e ao invés de curar, entreter a doença. Grandes doses desse preparado poderiam determinar, de maneira rápida, a fadiga profunda, o emagrecimento e a anemia<sup>88</sup>.

<sup>87</sup>Cf. ARAÚJO, Rafael Nóbrega, 2021, p. 132.

<sup>88</sup>RANGEL, Orlando. *A Sífilis e o seu tratamento (1926-1934)*. Rio de Janeiro: Apollo, 1937, p. 23.



Os acidentes verificados com o uso da medicação arsenical eram graves, atacando, particularmente, “[...] para o lado das vísceras, e sobretudo do sistema nervoso, que já se não justifica a indicação do seu emprêgo em todos os estados ou manifestações da lues”. O uso da medicação arsenical era de “assalto” – metáfora mais militar, impossível –, ou seja, para um “ataque” rápido a sífilis, mas não de uso continuado. E, ainda assim, nesse particular, afirmava que já poderia ser muito bem substituída pela bismútica, que não concorria para nem tão graves e nem tão sérios inconvenientes<sup>89</sup>. Por conta desses e outros contratemplos, se “[...] imprimiu ao arsênico e, depois dele, ao bismuto um valor mais profilático do que terapêutico”<sup>90</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirmaram João Carlos Regazzi e Giulia Bottino, a partir de 1943, com a demonstração da eficácia da ação da penicilina em todos os estágios da sífilis, verificou-se “A sensibilidade do treponema à droga, a rapidez da resposta com regressão das lesões primárias e secundárias com apenas uma dose são vantagens que permanecem até hoje”<sup>91</sup>. É importante destacar para as finalidades deste trabalho, que não encontramos nenhuma menção feita à penicilina em publicações médicas na revista *Medicina* no período em que esteve em circulação, visto que essa informação poderia traçar paralelos importantes para a apropriação dessa nova terapêutica pelos médicos paraibanos. No entanto, a ausência de circulação da revista entre 1942 e 1952, não nos permitem maiores afirmações. Contudo, Sérgio Carrara sugeriu que gradativamente os poderes atribuídos à doença ruíram junto com a autoridade e o poder da especialidade sifilográfica na medida em que novas descobertas terapêuticas surgiam, contribuindo para estabelecer uma nova fronteira no conhecimento da sífilis como a conhecemos hoje.

Em síntese, buscamos demonstrar que passou a ocorrer uma crescente apropriação do discurso médico-científico nas publicidades e anúncios de medicamentos publicados nas páginas da revista *Medicina*, em especial da sífilis, que ocorria com maior frequência do que qualquer outra doença. Este periódico médico especializado representava o discurso oficial dos

<sup>89</sup> RANGEL, Orlando. 1937, p. 25.

<sup>90</sup> CARRARA, 1996, p. 34.

<sup>91</sup> AVELLEIRA; J. C.; BOTTINO, G., 2006, p. 120.

médicos paraibanos e se configurava enquanto um veículo para expressar as práticas clínicas e terapêuticas desses profissionais, evidenciando uma maior aproximação do cotidiano de labuta dos esculápios paraibanos com a medicina de laboratório e a indústria farmacêutica.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

CIANCIO, Nicolau. *Quantos são os micróbios da syphilis? A União*. Parahyba do Norte-PB, ano XXXVI, n. 100, 9 maio 1928, p. 1.

NÓBREGA, Humberto. *As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e farmácia*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1979.

MACIEL, José. Os heredo-syphilis – syphilis dos inocentes. *Era Nova*: Parahyba do Norte, ano 2, n. 28, 15 jun. 1922, s./p.

MAROJA, Flávio. A nossa hygiene. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, João Pessoa, n. 03, 1911, p. 432-437.

MAROJA, Flávio. A nossa Revista. *Revista Medicina*, João Pessoa-PB, n. 1, jun. 1932, p.1-2.

MAROJA FILHO, Flávio. *Da sôro-dignose da Syphilis pela reação de Dujarric*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1927.

*O Jornal*, “Sociedade de Medicina e Cirurgia – A sua sessão de 5 do mês p. passado – A posse do dr. Tito de Mendonça, seu discurso de agradecimento e o de recepção do nosso ilustre colaborador dr. José Maciel”. 06 de nov. 1924. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169870&pasta=ano%20192&pesq=Sociedade%20de%20Medicina%20e%20Cirurgia&pagfis=1664>>. Acesso em 30/12/2020.

*Medicina*. João Pessoa-PB, ano I, n. 1, jun. 1932.

*Medicina*. João Pessoa-PB, ano II, n. 6, set. 1933.

*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 4, jul. 1934.

*Medicina*, João Pessoa-PB, ano III, nº 6, nov. 1934

*Medicina*. João Pessoa-PB, ano V, n. 1, jan. 1936.

*Medicina*. João Pessoa-PB, ano VII, n. 1, set. 1938.

RANGEL, Orlando. *A Sífilis e o seu tratamento (1926-1934)*. Rio de Janeiro: Apollo, 1937.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DA PARAÍBA (SMCPB). *Semana Médica*. Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1927.

### Obras gerais

AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Recife: Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

ARAÚJO, Rafael Nóbrega. *O terrível flagelo da humanidade: discursos médico-higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940)*. 1 ed. São Paulo: e-Manuscrito, 2021.

ARAÚJO, Silvera Vieira de. *Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)*. Recife: Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

AVELLEIRA; J. C; BOTTINO, G. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. v. 81, n. 2, 2006.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Sífilis e relações de gênero na Bahia. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. SILVEIRA, Anny Jackeline Torres (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 7. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017.

CALLON, Michel. “Algunos elementos para una sociología de la traducción: la domesticación de las vieiras y los pescadores de la Bahía de Saint Brieuç”. In: IRANZO, Juan Manuel et al. (Org.). *Sociologia de la ciencia y la tecnologia*. Madrid: CSIC, 1995.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 103 – 130.

FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 475 – 491, nov. 1997 – fev. 1998. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000300004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000300004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 31/12/2020.

FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de um hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. *Morte e vida das Oligarquias*. Paraíba (1889 – 1945). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

HEGENBERG, Leônidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

KNORR-CETINA, Karin. “A comunicação na ciência”. In: GIL, Fernando (Org.). *A ciência tal qual se faz*. Tradução Paulo Tunhas. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1999.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Tradução Ângela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849 – 1886)*. Tese (Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; MARIANO, Nayana. O medo anunciado: a febre amarela e o cólera na Província da Paraíba (1850-1860). *Revista Fênix*, João Pessoa, v. 9, n. 3, p. 01 -20, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, Franca, SP, v. 22, n. 1, 2003, p. 59 – 79.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. *Por uma possível história do sorriso: institucionalização, ações e representações*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2018

NÓBREGA, Humberto. *As raízes da ciência da saúde na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem*. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 1979, p. 283.

O'SHEA, J. 'Two minutes with venus, two years with mercury': mercury as an antisyphilitic chemotherapeutic agent. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 83, n. 6, p. 392-295, 1990.

PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.11, suppl.1, 2004, p. 68.

QUETÉL, Claude. *The history of syphilis*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1990, p. 29-30, 32).

ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, Unesp; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

SÁ, Lenilde Duarte de. *Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública: 1895-1918*. Ribeirão Preto, SP: Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SANTOS, Leonardo Querino Barboza Freire dos. *Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social (1911 – 1929)*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

SHAPIN, Steven. *Nunca pura*. Estudos históricos de ciências como se fora produzida por pessoas com corpos, situados no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade. Tradução Erick Ramalho. Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora, 2013.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924)*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOUZA, Elemir. Há cem anos a descoberta do *Treponema pallidum*. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. v.80, n.5, pp. 547-548, 2005.

UJVARI, Stefan Cunha. ADONI, Tarso. *A história do século XX pelas descobertas da medicina*. Contexto: São Paulo, 2014.

Recebido em: 20/01/2021 – Aprovado em: 20/05/2021